



MODA E ANCESTRALIDADE: O LEGADO DAS ESCRAVAS DE GANHO NAS BAIANAS DO ACARAJÉ

Fashion, Culture, and Ancestry: The Legacy of Slave Women in the Baianas do Acarajé

Antunes, Mariáh Nicole Mendes; Centro Universitário Belas Artes (FEBASP), mariahmendes81@gmail.com¹

Resumo: A cultura é um conjunto de saberes e práticas adquiridos pela socialização e transmitidos ao longo do tempo, expressando-se em rituais, festas e na moda. No Brasil, essa cultura é marcada pela miscigenação, especialmente pela influência dos africanos escravizados. Esses indivíduos trouxeram uma rica bagagem cultural, mesmo diante da opressão colonial. Salvador, antiga capital do país, conserva esse legado por meio de expressões como o candomblé, a culinária com dendê e as baianas do acarajé. O estudo propõe refletir sobre o papel das escravas de ganho na formação da identidade cultural baiana, especialmente na figura das baianas do acarajé.

Palavras chave: Ancestralidade, Cultura Afro-brasileira e Moda Identitária

Abstract: This study explores how enslaved African women shaped Bahian cultural identity through fashion and tradition.

Keywords: Ancestrality, Afro-Brazilian Culture, and Identity Fashion"

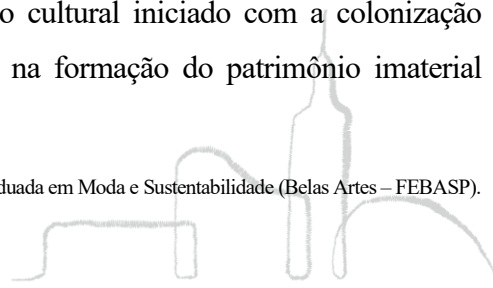
Introdução

O presente estudo propõe uma análise sobre o papel das africanas escravizadas na formação da identidade cultural baiana, com foco nas religiões de matriz africana e na indumentária das baianas do acarajé, para isso parte-se do entendimento de que a cultura pode ser compreendida como o conjunto de características adquiridas pelo ser humano por meio da socialização, aprimoradas com o tempo e transmitidas entre gerações através de relatos orais, representações simbólicas e práticas cotidianas.

Para Valéria (2006), cultura abrange conhecimentos, costumes, tradições, linguagem, moral, arte e instituições, expressando-se em diferentes dimensões da vida social, entre essas expressões está a moda oriunda do latim *modus*, que significa costume, a qual se constitui como uma poderosa forma de comunicação identitária e resgate de valores históricos e simbólicos.

No Brasil, país marcado por um intenso processo de miscigenação cultural iniciado com a colonização portuguesa no século XVI, a presença africana exerceu papel fundamental na formação do patrimônio imaterial

¹ Técnica em Modelagem do Vestuário (ETEC Tiquatira), bacharel em Design de Moda (Anhembí Morumbi) e pós-graduada em Moda e Sustentabilidade (Belas Artes – FEBASP).





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

nacional, diferentemente da perspectiva eurocêntrica dominante, que invisibilizou a contribuição dos povos negros escravizados, reconhece-se hoje que eles não chegaram destituídos de cultura, mas sim portadores de complexos sistemas sociais, religiosos e artísticos.

A diversidade étnica africana, especialmente a dos povos iorubás, nagôs e djê-djê, manifestou-se de forma resiliente mesmo sob o sistema escravocrata, notadamente nas senzalas, nas festas populares e nos cultos religiosos de matriz africana, como o candomblé,

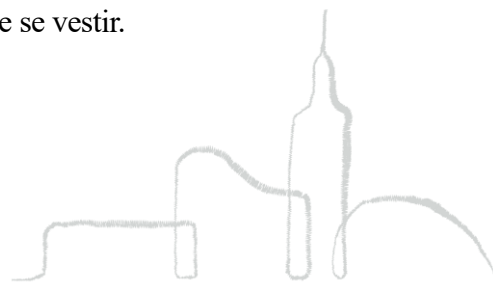
Salvador, primeira capital do Brasil e centro estratégico do comércio colonial, tornou-se símbolo dessa herança cultural afrodescendente, neste contexto, destaca-se a figura das escravas de ganho, mulheres negras que exerciam atividades comerciais nas ruas, como a venda do acarajé, e que foram responsáveis não apenas pela própria subsistência, mas também pela preservação e transmissão de práticas culturais africanas, pôr fim a partir de uma abordagem histórica, cultural e simbólica, busca-se compreender como a moda e os rituais se tornam instrumentos de resistência, memória e pertencimento na construção do patrimônio cultural de Salvador.

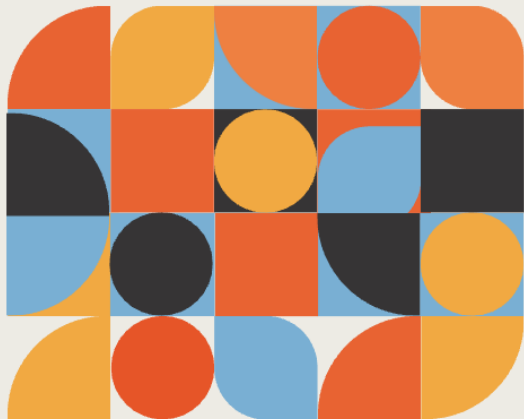
1.Contexto Histórico

A cultura pode ser definida como o conjunto de características humanas que não são inatas, mas adquiridas por meio da socialização e aprimoradas ao longo do tempo, podendo ser transmitida oralmente, passando de geração em geração através de histórias e relatos, ou pelo contato com representações culturais de períodos passados.

“Cultura congrega conhecimentos, artes, moral, leis, costumes, aptidões, hábitos adquiridos, herança cultural, tradição social, toda e qualquer necessidade básica como resposta ao ambiente, expressa modo de vida, povo, ocupação, territorialidade, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos” (VALÉRIA, 2006).

Sendo a cultura uma expressão da socialização sofrida pelo indivíduo a mesma pode se expressar por meio de festividades, ritos religiosos e a moda, palavra que tem origem no latim Modus que significa costume (ações incorporadas ao cotidiano a partir de um processo de repetição) ou a maneira de se vestir.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Tendo como referência a etimologia da palavra moda, podemos apreender que a mesma é a premissa de incorporar o contexto histórico e a cultura à maneira de se expressar pelo vestir, revelando identidades, valores e transformações sociais que se manifestam por meio das roupas e adornos.

A partir do entendimento de que a nossa cultura é fruto da miscigenação sofrida durante a colonização, o Brasil foi o país que abrigou por mais tempo grandes quantidades de negros escravizados provenientes da África, esses indivíduos não chegam destituídos de sua cultura que apesar de sufocada pelos costumes do colonizador tem grande relevância para nossa construção enquanto sociedade.

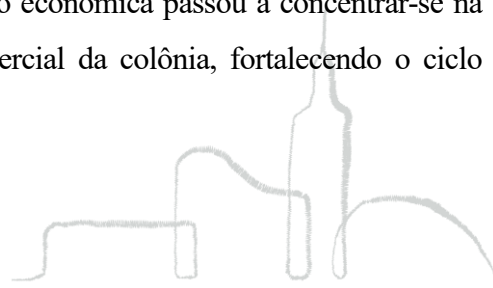
“É necessário salientar que o negro não veio sem cultura do seu local de origem. Ao entrar no Brasil ele viu uma realidade totalmente diferente da que vivia, visto que para o colonizador europeu eles eram considerados somente como mão-de-obra, mas o negro no continente africano vivia em tribos, lá ele era príncipe. A heterogeneidade cultural das etnias africanas era imensa, ou seja, lá se tinha uma prática cultural diferenciada, dependendo da região à qual pertencia.” (A participação dos Negros na Construção do Brasil.2014)

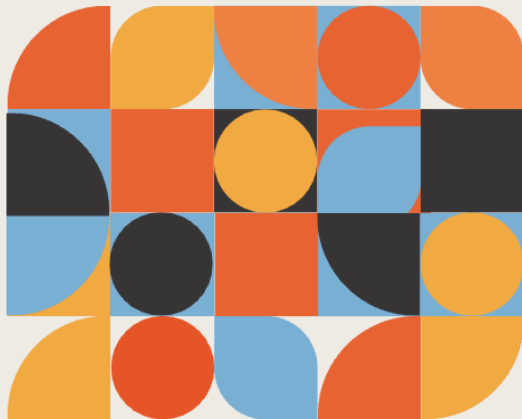
Na Europa, entre os séculos XV e XVI, iniciaram-se as grandes navegações, expedições que tinham como objetivo conquistar novas terras, encontrar metais preciosos e acessar especiarias, em 1500, uma frota portuguesa partiu em direção às Índias com o intuito de ampliar o comércio de especiarias.

Entretanto, em 22 de abril de 1500, a esquadra portuguesa atracou em Porto Seguro, onde o escrivão Pero Vaz de Caminha registra o contato com os indígenas Tupinambás e descreve o território ao rei Dom Manuel I, inicialmente, a ocupação do território não era prioridade para Portugal, limitando-se à extração do pau-brasil, madeira responsável pela produção de um corante de alto valor comercial, extraída com o trabalho compulsório dos indígenas.

Porém, com o aumento do interesse de outras potências europeias, Portugal buscou consolidar sua presença no território recém “descoberto” assim, em 1530, Martim Afonso de Souza foi enviado para assegurar o domínio português, dando início ao processo de colonização.

O território foi dividido em 15 capitanias hereditárias e a exploração econômica passou a concentrar-se na produção do açúcar, Salvador tornou-se a capital e o principal centro comercial da colônia, fortalecendo o ciclo açucareiro.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Nos engenhos, a força de trabalho era composta majoritariamente por indígenas e africanos escravizados, o tráfico de africanos começou oficialmente em 1550, tornando-os as principais vítimas do sistema escravista, segundo Lima (2009), mais de 1,6 milhão de africanos foram trazidos ao Brasil por mercadores negreiros.

Schwarcz (2001) destaca que a escravidão estabeleceu uma rígida hierarquia social, marcada pela violência e pela dominação cultural, nas senzalas, diversos grupos étnicos conviviam, possibilitando a fusão de culturas, entre eles, destacavam-se os Iorubás, Nagôs e Dje Djês, que propagaram o candomblé, religião, por meio de cantos e danças, invocava as forças dos deuses africanos, os quais, graças ao sincretismo religioso, passaram a se manifestar também sob outros nomes no Brasil colonial.

2. Baianas do Acarajé e a herança cultural das escravas de ganho

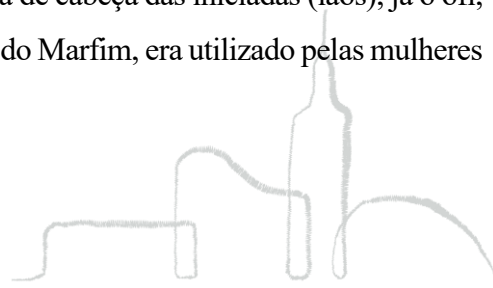
Historicamente, as mulheres negras em Salvador, fossem escravizadas ou libertas, durante o período colonial desempenharam um papel crucial em diversas atividades econômicas, sobretudo no trabalho doméstico e no comércio ambulante.

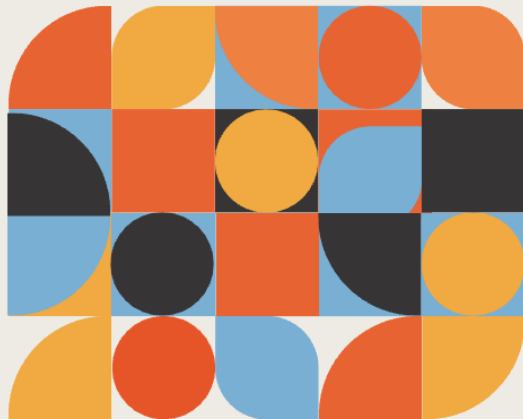
Muitas delas dedicavam-se à venda de alimentos como mingaus, peixes fritos e acarajé, preparados com ingredientes regionais e oferecidos a preços acessíveis, o acarajé, cujo nome em iorubá significa “pão” e “comer”, constitui um elemento essencial da culinária religiosa afrobaiana e um importante símbolo cultural.

No Brasil colônia, as vendedoras de acarajé, muitas devotas do candomblé, percorriam os bairros da cidade no período da tarde, carregando seus tabuleiros na cabeça, seguindo ritos religiosos que proibiam a exposição do alimento ao sol.

A indumentária dessas mulheres tem origem nos ritos do candomblé e é composta por peças de profundo significado cultural, a principal delas é a saia longa e rodada, conhecida como axò, somam-se a ela a bata enfeitada com bordados (camisu), o pano da costa e o turbante, ou ojá, que podiam ser brancos ou coloridos.

Os adornos incluíam contas, miçangas, búzios, pulseiras e anéis chamativos, elementos que reforçavam tanto a identidade religiosa quanto a cultural, as saias eram escolhidas conforme o orixá de cabeça das iniciadas (iaôs), já o ofi, ou pano da costa, que adquiriu esse nome por ser um tecido originário da Costa do Marfim, era utilizado pelas mulheres escravizadas de diferentes formas: como xale, turbante ou amarrado ao corpo.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Suas estampas, que combinavam cores e formas geométricas, não apenas embelezavam, mas também carregavam significados simbólicos nos rituais religiosos, a forma de amarração ou o padrão da estampa frequentemente representava uma divindade, reforçando a conexão entre vestimenta, ancestralidade e espiritualidade.

"Tal tecido estará presente nas indumentárias crioulas e acompanhará a vestimenta de sair, sendo usado como xale e/ou repousado no ombro, em situações sociais. Nas ocasiões de trabalho, dará maior apoio ao movimento do corpo, reforçando atividades braçais, como as das vendedeiras e lavadeiras, sendo usado amarrado à cintura e chamado de rojão. Em cerimônias religiosas, terá função sagrada, indicando os orixás cultuados no Brasil por meio das cores e formas de amarração do tecido ao corpo, insígnias de cada uma das divindades. As estampas, as cores, a matéria-prima que perfaz o tecido e sua colocação indicam ainda as posições hierárquicas no contexto religioso."(Lody 2015)

O pano da costa é formado por tiras de tecido unidas longitudinalmente, com medidas que variam entre 1,73 m e 2,06 m de comprimento e de 0,94 m a 1,20 m de largura, sua tecelagem expressa a adaptação e a evolução das técnicas têxteis africanas, moldadas também pelos contatos e intercâmbios com outras culturas, entre elas a árabe, a persa e a europeia.

Estudos históricos e etnográficos demonstram que, embora tenham ocorrido variações nas cores e nas técnicas de produção ao longo do tempo, o pano da costa preserva uma ligação profunda com as práticas e tradições africanas, representa, portanto, um testemunho das influências e dos enriquecimentos decorrentes das interações culturais ao longo dos séculos.

Na Imagem 1, observa-se um exemplo de estampa produzida em um ofi encontrado na Feira de São Joaquim, na Bahia, nessa peça, a estampa é formada a partir da própria trama do tecido, gerando padrões únicos que refletem a técnica de tecelagem tradicional.





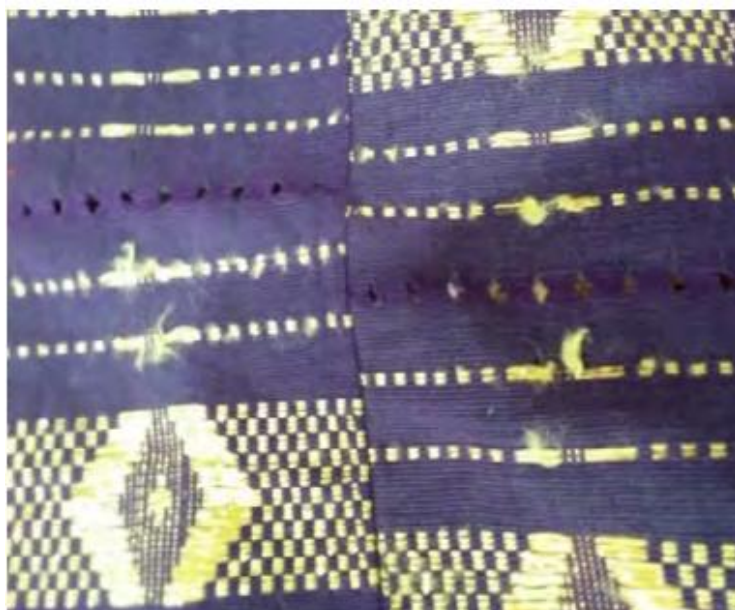
20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Imagem 1-Ofi pano da Costa-Feira de São Joaquim-Salvador (BA)

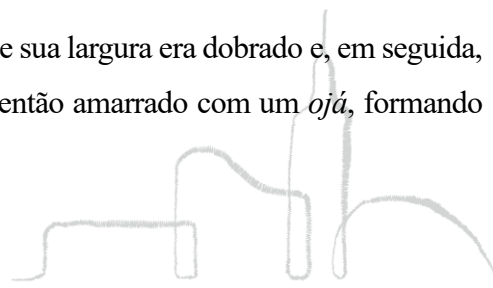


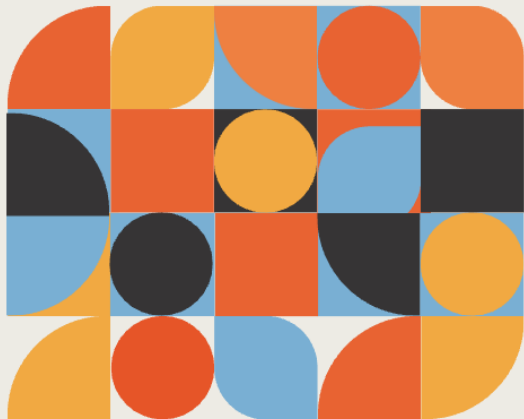
Fonte: Arruda,Dyego de Oliveira;Vidal,Julia, Influência dos Tecidos e das estamparias africanas na identidade e na cultura afro-brasileiras.

Dependendo da ocasião, as mulheres negras utilizavam o pano da costa de diferentes maneiras, em momentos de descontração, ao ir às compras ou vender algum produto, colocavam-no sobre o ombro direito, formando uma leve prega sobre o braço e deixando as extremidades caírem livremente.

Durante o trabalho, seja em casa ou na rua, o pano era envolvido ao redor dos quadris, ajustando a saia e criando um chouriço franzido entre a cintura e o tecido, preso por meio de enrolamento, deixava a saia um pouco arregaçada, garantindo braços livres e maior mobilidade, esse estilo era comum em atividades como lavar roupas ou preparar-se para o ponto de venda.

Nos ritos religiosos, o pano assumia outra função simbólica, um terço de sua largura era dobrado e, em seguida, envolvido nas costas, unindo-se as extremidades acima dos seios, o pano era então amarrado com um *ojá*, formando





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

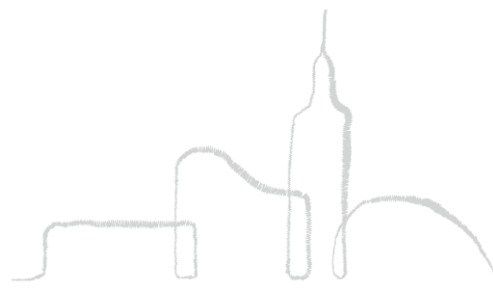
um laço de pontas caídas sobre o peito, quando o orixá fosse masculino, ou um grande laço em forma de borboleta, quando o orixá fosse feminino.

Esse modo de vestir guarda semelhança com práticas ainda observadas em algumas colônias africanas. Na Imagem 2, temos a representação da indumentária da baiana do acarajé, que exemplifica o uso de cada peça, dando enfoque ao pano da costa que pende em um dos ombros.

Imagem 2-Traje das Baianas:Refletindo heranças culturais



Fonte:Família Viajante,As encantadoras Baianas:De Raízes Africanas a Vestes festivas,Rede bem Bahia





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Na Imagem 3, *Baianas* de Debret (1826), é possível observar como as mulheres africanas utilizavam o pano da costa em seus trajes tradicionais durante a venda de quitutes, que aparece sobreposto aos ombros ou amarrado ao corpo servindo como apoio para equilibrar os tabuleiros cheios de quitutes sobre a cabeça, auxiliando no transporte e na comercialização dos alimentos.

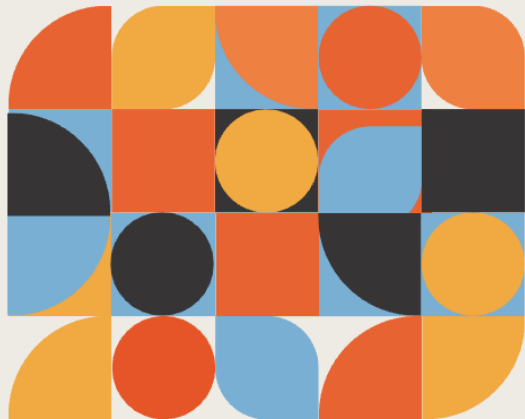
Imagem 3-Baianas Debret-1826



Fonte: Wikimedia Commons Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Baianas-debret.jpg>

Acesso em: 10/06/2024





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Já na Imagem 4, nota-se como essa indumentária, inicialmente introduzida por elas, transformou-se em um símbolo cultural da Bahia, associando-se de maneira especial às baianas do acarajé, na década de 1960, com o processo de modernização de Salvador e o consequente aumento do desemprego, a venda de acarajé consolidou-se como uma alternativa fundamental de sobrevivência para muitas mulheres.

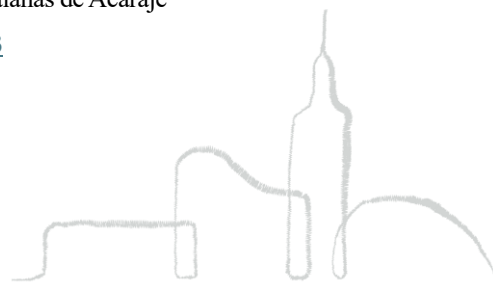
Atualmente, segundo a Associação das Baianas do Acarajé, o mercado informal ligado a essa atividade emprega cerca de 5.000 pessoas, o que evidencia a relevância contínua dessas vendedoras tanto para a economia quanto para a cultura da cidade.

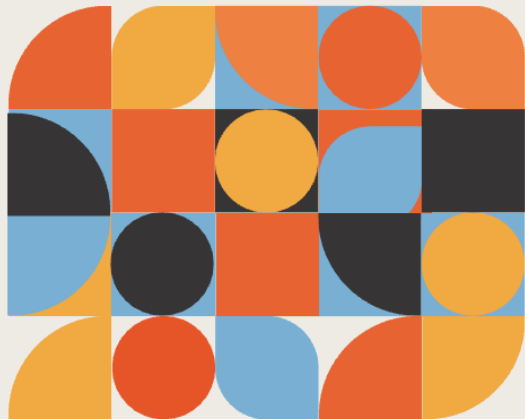
Imagem 4-Campanha "Valorize a baiana do acarajé, valorize o Patrimônio Cultural do Brasil"



Fonte: Lançada campanha que valoriza o Ofício das Baianas de Acarajé

Disponível em: <https://11nk.dev/7Cfm3>





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

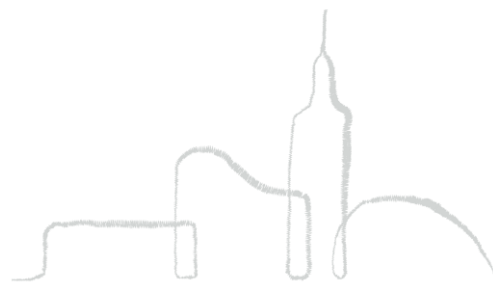
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

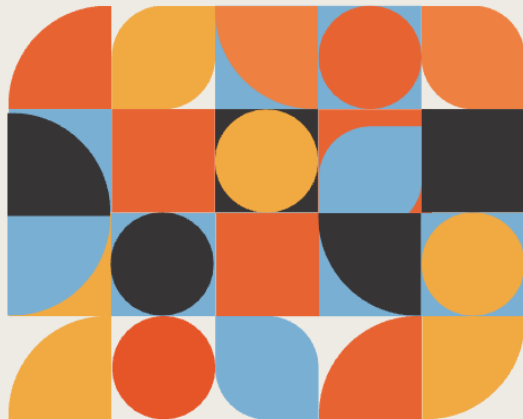
Sendo a cultura a materialização das experiências e socializações acumuladas ao longo do processo de formação de uma sociedade, torna-se inevitável reconhecer a relevância dos ritos religiosos, das festividades e da moda nesse percurso, nesse sentido, é evidente que a cultura africana exerceu papel decisivo na construção das práticas religiosas, nas celebrações populares e nos ícones culturais de Salvador, como as baianas do acarajé.

A análise do legado das escravas de ganho, especialmente na figura das baianas do acarajé, evidencia como a moda e a indumentária transcendem a dimensão estética, assumindo papéis de resistência, identidade e ancestralidade. O pano da costa, a saia rodada, o turbante e os adornos não se configuram apenas como vestes, mas como símbolos de fé, pertencimento e estratégias de sobrevivência no espaço urbano.

Essas mulheres, inicialmente inseridas em um sistema de exploração e opressão, transformaram o trabalho ambulante e a culinária ritualística em instrumentos de autonomia econômica e de preservação cultural, por meio da venda de quitutes sustentaram suas famílias, reforçaram laços comunitários e perpetuaram práticas religiosas de matriz africana.

No presente, a permanência dessa tradição demonstra a força da ancestralidade africana na constituição da identidade cultural de Salvador e, por extensão, do Brasil. As baianas do acarajé não apenas preservam um legado histórico, mas o atualizam constantemente, reafirmando a moda como linguagem identitária e a ancestralidade como elo indissociável entre passado, presente e futuro.





Referências:

ARRUDA, Diego de Oliveira; VIDAL, Julia, Influências dos tecidos e das estamparias africanas na identidade e na cultura afro-brasileiras, Dobras, nº30, Dezembro 2020

BARCELLOS, Telma, Tecidos, cores e estampas das roupas africanas, Modacado, 2021 Disponível em: <https://blog.modacad.com.br/tecidos-cores-e-estampas-das-roupas-africanas/>

Acesso em: 06/09/2024

CONCEIÇÃO, Viviane L, Memória e as mulheres descendentes da diáspora africana: o uso dos turbantes, ritualística e resistência., 3º Congresso Internacional e Interdisciplinar em Patrimônio Cultural: Experiências de Gestão e Educação em Patrimônio, Editora Cravo, Porto, Portugal, ISBN 978-989-9037-13-7

EDVIK, Elton Luís Oliveira, Notas Sobre a Indumentária Brasileira na Primeira Metade do Século XIX, Achiote, Vol. 7 • nº2 • dezembro 2019

FREITAS, Joseania Miranda, O carnaval afro-brasileiro em Salvador: patrimônio da cultura brasileira, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra 16, 17, 18 de Setembro de 2004, Centro de Estudos sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra Colégio de S. Jerónimo, Coimbra Portugal.

H. A. Torres. Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana. Cadernos Pagu, Cara, cor, corpo, v.23, p.413-467, 2004. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2004\(23\)/Torres.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2004(23)/Torres.pdf)>
Acesso em 9/9/2024.

Moda: etimologia da palavra e origem do fenômeno, Medium, 2020 Disponível em: <https://modus-etc.medium.com/moda-etimologia-da-palavra-e-origem-do-fen%C3%B4meno-4afc4b90ceb3>

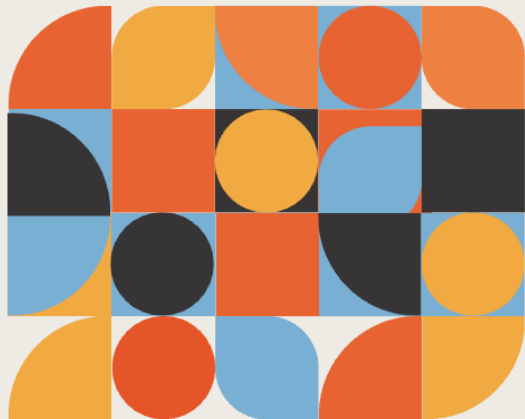
Acesso em: 07/09/2024

PEREIRA, Clesialane Santana; PRADO, Louise Victoria Marques; REGIS, Imaira Santa Rita, As Baianas de Acarajé; Um símbolo Representativo da Cultura de Salvador-Ba, Anais do Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias CINTERGEO, 2019 Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cintergeo/article/view/6854#:~:text=Com%20sua%20simpatia%20e%20imagem,fam%C3%ADlia%2C%20m%C3%A3es%20e%20devotas%20religiosas.>
Acesso em: 9/9/2024.

Ribeiro, Debora, Rito, Dicio Dicionário de português online Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rito/>

Acesso em: 07/09/2024





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Ribeiro, Inaê, A influência da cultura afro na moda brasileira, Steal the look, 2020 Disponível em: <https://stealthelook.com.br/a-influencia-da-cultura-afro-na-moda-brasileira/>

Acesso em: 06/09/2024

ROCHA JÚNIOR, EMMANUEL, A baiana de acarajé no mercado informal de Salvador: um estudo de caso, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Ciências Econômicas (FCE), Salvador-Ba, 2001.

SANTOS, Henrique Sena dos, Ditando Tendências, criando aparências: cultura visual moda e imprensa em Salvador 1906-1982, XXIX Simpósio Nacional de História. Disponível

em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502291064_ARQUIVO_HenriqueSenadosSantos-Anpuh2017

Acesso em: 06/09/2024

SILVA, Helder Kuiawinski da, A Cultura Afro como Norteadora da Cultura Brasileira, PERSPECTIVA, Erechim. v. 38, n. 144, p. 25-35, dezembro/2014.

DA SILVA, A. C.; BARREIROS LEITE, M. M. Representações de Moda na Bahia - reflexão sobre as práticas de vestuário feminino das mulheres baianas de elite no final século XIX, a partir do estudo investigativo das coleções do Museu Henriqueta Catharino em Salvador-Ba - DOI 10.5216/vis.v7i2.18197. Visualidades, Goiânia, v. 7, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18197>. Acesso em: 05/09/2024

SIMILI, Ivana Guilherme, VASQUES, Ronaldo Salvador, Indumentária e Moda: caminhos investigativos, Scielo. 2013, p. 220, DOI: <https://doi.org/10.7476/9788576286516>

SVENDSEN, Lars. Moda: Uma filosofia. 1ª Edição. Zahar 30 de Julho P. 224

VERGER, Pierre, Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos na África, Edusp-Editor da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP. 2000, 616 pag.

